Educação e Música: desvelando o campo pedagógico-musical da UFC

Maria Goretti Herculano Silva (UFC)
Marco Antonio Silva (UFC)
Luiz Botelho Albuquerque (UFC)

Resumo: Este artigo funde em sua discussão os campos da educação e da música. Nessa inter-relação procuramos compreender o processo de constituição do campo pedagógico-musical da Universidade Federal do Ceará (UFC), detendo o olhar sobre a trajetória de docentes do Curso de Educação Musical daquela instituição de Ensino Superior. O aporte teórico que deu suporte à pesquisa foi a praxiologia ou teoria das estruturas sociais de Pierre Bourdieu, que procura desvelar as estruturas subjacentes aos fenômenos sociais. A coleta de dados foi feita através das narrativas de história de vida**,** instrumento que se distingue pela coleta e análise de relatos de vida de um ou mais informantes.

Palavras-chave: educação musical; praxiologia; Bourdieu; história de vida; Universidade Federal do Ceará.

Abstract: This article brings a discussion that connects both the musical and the educational fields. Through that interrelation, we attempt to understand how the musico-pedagogical field at the Federal University of Ceará (UFC) was constituted, looking at the individual trajectories of the Music Education faculty. The theory that gave support to this research was the praxeology or theory of the social structures, by Pierre Bourdieu, which aims at revealing the subjacent structures of social phenomena. Data collection was carried out through life history narratives, an instrument of research characterized by the collection and analysis of personal narratives from one or more informants.

Keywords: music education; praxeology; Bourdieu; life history; Federal University of Ceará.

SILVA, Maria Goretti Herculano; SILVA, Marco Antonio; ALBUQUERQUE, Luiz Botelho. Educação e Música: desvelando o campo pedagógico-musical da UFC. *Opus*, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 134-152, dez. 2008.

Este artigo funde em sua discussão o campo da educação e o campo da música. Ao buscar essa inter-relação educação/música, procuramos compreender o processo de constituição do campo pedagógico-musical da Universidade Federal do Ceará – UFC, detendo o olhar sobre a trajetória de docentes do Curso de Educação Musical da referida instituição de Ensino Superior.

Bourdieu (2004) chama de *habitus*, às disposições adquiridas, duráveis, (formas de agir, pensar, falar, perceber), interiorizadas pelos agentes nos determinados campos. No caso do *habitus* pedagógico-musical, esse sistema de disposições duráveis e transferíveis integra experiências passadas associadas ao encontro entre educação e música nas trajetórias de vida dos sujeitos.

Nesse caso, campo pode ser entendido como um universo que obedece a leis sociais mais ou menos específicas, um espaço relativamente autônomo onde estão introduzidos os agentes e as instituições. (BOURDIEU, 1983)

O aporte teórico que deu suporte a esse estudo foi a praxiologia ou teoria das estruturas sociais de Pierre Bourdieu, por procurar desvelar o que subjaz aos fenômenos e manifestações sociais. Essa abordagem mostra-se também de grande valor por buscar na interação entre os agentes (indivíduos e os grupos) e as instituições, encontrar uma estrutura historicizada que se impõe sobre os pensamentos e as ações.

Assim, as narrativas de história de vida compuseram os instrumentos de coleta de dados, sendo o diário de campo e o gravador utilizados como instrumentos de registro.

Nessa investigação, a história de vida se configurou como um instrumento de pesquisa que se distingue pela coleta de dados contidos na vida pessoal de um ou de vários informantes. Esse relato de vida poderia ter ainda a configuração de uma autobiografia, na qual, o autor narra sua visão pessoal, as emoções que assinalaram sua experiência ou os eventos vivenciados no âmbito de sua trajetória de vida. (CHIZZOTTI, 1995) A forma como abordamos a história de vida nesse trabalho, é ainda, como um relato oral coletado através de entrevistas, objetivando compreender uma vida, ou parte dela, com o intuito de desvelar ou reconstituir processos históricos e socioculturais vividos pelos sujeitos em diferentes contextos. Os sujeitos que colaboraram na pesquisa são docentes do curso de educação musical da UFC.

Trabalhar na perspectiva praxiológica de Pierre Bourdieu, no entanto, requer a compreensão da inter relação *habitus*/*campo*, considerando que o *habitus* é percebido como um saber agir assimilado pelo agente ao inserir-se em determinado *campo*, como princípio de ação incorporado por ele.

Campo como objeto de estudo

Falar sobre campo na área de Educação Musical ainda é uma prática bastante recente. Nesse aspecto, destaca-se a iniciativa da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – ANPPOM, que tem contribuído consideravelmente para essa discussão, em seus encontros anuais.

Ao realizar um mapeamento acerca de estudos realizados nessa área, pudemos perceber que as pesquisas sobre campo referem-se, basicamente, ao campo musical como área de conhecimento, (SOUZA, 1996, 2001a, 2001b: DEL BEN, 2001, 2003), ao campo musical como espaço de relações locais, (BOZON, 2000) e, mais especificamente, pesquisas alusivas ao campo musical de Fortaleza a partir da década de 1950. (MATTOS, 2007; SCHRADER, 2002) Nesse caso, pareceu bastante profícuo um estudo que abordasse justamente a leitura social do contexto do Curso de Educação Musical da UFC. Isso fica claro tanto pela atualidade do debate quanto pelo foco dado a um contexto de discussões até então não elucidadas, especialmente no que concerne à tardia emergência desse agente (o curso de Educação Musical da UFC) no campo musical de Fortaleza.

Na Universidade Federal do Ceará - UFC, as discussões sobre a constituição de um curso superior de música, se delineiam desde a década de 1950 e tomam forma na década de 1980, período de grande efervescência no campo musical da cidade de Fortaleza. Todavia, somente nos anos de 2003 as antigas discussões se intensificam, dando início ao processo de elaboração de uma proposta de criação do curso de Educação Musical. Esse procedimento culmina no ano de 2005 com a aprovação do projeto do curso em todas as instâncias da Universidade.

Desta forma, vai sendo constituído um campo pedagógico musical na UFC, onde os indivíduos agem em relação às estruturas sociais, à cultura e à sociedade. As trajetórias sociais desses indivíduos entram em concorrência no interior do campo de modo a evidenciar um sistema de disposições socialmente constituído, o *habitus*. É por meio destes esquemas interiorizados de compreensão que os sujeitos atualizam (ou não) o potencial revelado nas posições que ocupam.

O contexto histórico que delineia a formação desse campo pedagógico musical na UFC inicia, pois, na década de 1950, período marcado por intensas transformações políticas, sociais e econômicas, tanto no sistema de relações internacionais como no âmbito da sociedade brasileira. Essas transformações trouxeram o cunho de uma modernização assinalada pela arrancada tecnológica que permitiu, a alguns países subdesenvolvidos, um razoável padrão de modernidade.

No caso do Brasil, esse período se caracteriza pelo "Plano de Metas" do governo Juscelino Kubistchek que tinha como finalidade modernizar o país. É também assinalado por um acelerado processo de urbanização, em que as conquistas tecnológicas se refletiam na forma de imaginário urbano e no ajustamento do cotidiano das grandes cidades. O Brasil do pós-guerra passou a enfrentar um surto de crescimento econômico, acompanhado, nessa fase, por um processo de redemocratização. (SILVA; ANDRADE, 2008)

Nesse momento, Fortaleza desponta como um centro urbano com razoável infra-estrutura, e no qual, devido às constantes migrações, houve um amplo crescimento da população e do fluxo de negócios. Se, por um lado, o cenário da busca pela modernidade era nacional, por outro lado, refletia-se profundamente no contexto local. Assim, as notícias que eram divulgadas pelas redes de rádio locais produziam a expectativa de que as grandes capitais brasileiras viessem a ser introduzidas nesse âmbito do moderno que contagiava o país. (*ibid.*)

Esse contexto histórico social local, que se delineia na Fortaleza da década de 1950, e sua interlocução com o contexto nacional, revela que o agir social dos agentes que compuseram o campo que hora se discute está circunscrito a um panorama em comum que desvela o contexto de uma época. Desse fato, emerge a seguinte questão: como uma cidade que se modernizava e se urbanizava, como Fortaleza, passa tanto tempo sem sentir a necessidade social de um curso superior de música? A sociedade não percebe. A Universidade não percebe. Enfim, em um contexto de lutas políticas e a busca pela criação desse espaço, é preciso todo um conjunto de intenções, de habilidades, de sentido de aproveitamento de oportunidades, muito especiais, para que esse curso aconteça.

Para uma maior compreensão de tais aspectos, é importante apresentar o cenário histórico no qual se desvela a constituição do curso de educação musical da UFC.

Educação musical na UFC: um campo em construção

A década de 1980 pode ser assinalada como um período fértil para as atividades musicais na UFC. A Casa de Cultura Artística era o ponto de aglutinação das atividades estéticas. Era dividida em vários setores e, dentre eles, o da música que coordenava o funcionamento da Camerata e do coral, bem como a oferta dos cursos de extensão para a comunidade. Dentre as atividades anuais da Casa de Cultura Artística figurava, no mês de julho, um encontro musical de grande porte denominado Nordeste. Esses encontros assemelhavam-se aos que são realizados até hoje em Brasília, Campos do Jordão, Curitiba, entre outros, e já contava com a adesão de vários músicos de estados vizinhos, considerando que era o único da região, nessa época. As edições desse evento artístico-

cultural ocorreram no período de 1982 a 1986. Em 1987 os encontros já não aconteciam mais, o que foi arrefecendo as atividades da Casa de Cultura Artística e do setor de música, que aos poucos foram se extinguindo. Consequentemente, as atividades musicais na UFC sofreram considerável atenuação. (UFC, 2007)

Nota-se, contudo, que para o funcionamento de um campo é necessário "que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que implique no conhecimento e reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc." (BOURDIEU, 1983, p. 89) Logo, esse arrefecimento das atividades musicais na UFC pressupôs um adiamento da efetivação desse campo.

Compreende-se, assim, que a UFC já carregava uma vocação histórica no campo musical e que, apesar da redução da vida musical promovida por ela, nesse período, sua contribuição para o contexto musical cearense e brasileiro é de grande relevância. Esse aspecto pode ser observado no êxodo de músicos da pequena orquestra de cordas – a Camerata – para orquestras de outros estados e mesmo de outros países. Isso significa que a UFC formou e exportou músicos instrumentistas, sem, contudo, conseguir solidificar sua própria orquestra. (UFC, 2007, p. 63)

Não obstante, no que se refere à música coral, desenvolveu-se de forma notável, formando regentes atuantes no Movimento Coral do Estado do Ceará e viabilizando um movimento coral interno na própria UFC, que se destacou no cenário musical local e internacional.

Essa efervescência da música coral tomou maior vulto nos anos de 1990, momento em que outros grupos, além do coral da UFC, passaram a figurar nesse cenário, atingindo seu apogeu com a criação do Coral Universitário. São estes: o Coral da ADUFC (Associação dos Docentes da Universidade Federal do Ceará); Coral Projeto[1] – CCS UFC; Coral do DCE; Coral da FACED (Faculdade de Educação); Coral do NUCOM (Núcleo de Psicologia Comunitária) e Coral da Faculdade de Direito. Esses grupos surgem por iniciativa dos estudantes, através da ação cultural dos CAs (Centro Acadêmico) e do DCE (Diretório Central dos estudantes), apoiados pela Pró-Reitoria de Extensão. O Coral Universitário buscava agrupar todos os cantores da UFC, dos diferentes corais, juntando-se ainda dois outros grupos independentes, o Coral Zoada e o Grupo musical Etc. e Tal, reunindo, ao todo, cerca de 170 cantores. (UFC, 2007)

É importante perceber como esses agentes vão se agrupando num campo que aos poucos vai se delimitando e como eles possuem determinados interesses específicos

[1] O Coral Projeto hoje se chama Grupo Vocal Seios da Face.

comuns. Dentre alguns, focaliza-se o principal deles: a própria existência do campo. A luta entre esses antagonistas implica em um ajuste sobre o que faz jus a ser disputado e produz a crença no valor dessa disputa. (PILATTI, 2006)

Desse contexto, surgiu a necessidade de uma estrutura que viesse a garantir não apenas a existência como também a multiplicação desses grupos, "uma iniciativa de ensino que justificasse atividades de extensão e de pesquisa". (UFC, 2007, p. 64) É nesse sentido que Bourdieu (1974) se refere à inclusão de instâncias capazes de assegurar não apenas a produção de receptores dispostos e aptos a receber a cultura produzida, mas também a formação de agentes capazes de reproduzi-la e renová-la.

A história que envolve a emergência desse campo pedagógico musical na UFC, no entanto, requer um recuo histórico mais extenso, bem como maior delineamento dos fatos referentes ao período em questão.

Cinquenta anos de marginalidade musical na UFC.

Damos início a esse relato no ano de 1919, momento em que a primeira escola de música é instituída na cidade de Fortaleza pelo maestro Henrique Jorge. Do ideário e do desejo desse homem de desenvolver a arte musical no Ceará, originou-se a Escola de Música Alberto Nepomuceno. Essa escola veio a abrigar na década de 1950 o primeiro curso superior de música das regiões Norte e Nordeste com o apoio da Universidade Federal do Ceará. (SCHRADER, 2002)

Ainda nesse período, segundo o mesmo autor, Fortaleza mantém em seu contexto musical as tradições pianísticas e orfeônicas levantadas durante as primeiras décadas do século.

Basicamente as apresentações musicais, no início dos anos 50, giravam em torno de três sociedades existentes: a Sociedade de Cultura Artística e a Sociedade Pró-Arte, destinadas a promoções de recitais, concertos de piano e também espetáculos de balé, e a Sociedade Musical Henrique Jorge, responsável por manter a Orquestra Sinfônica Henrique Jorge e cursos de formação musical para jovens instrumentistas de orquestra. (*ibid.*)

Nesse cenário surge a figura de Orlando Leite,[2] vindo do Rio de Janeiro, portando o diploma de Licenciado em Música e um método de trabalho, nos moldes do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. Trouxe consigo, para o desenvolvimento da atividade coral em Fortaleza, uma forte bagagem de influência do projeto orfeônico de Villa-Lobos. Mediante as experiências realizadas com amplas atividades orfeônicas e visualizando o desenvolvimento da música vocal em Fortaleza, Orlando Leite passa a "vislumbrar a criação de um curso de formação de professores de música, o primeiro no Estado do Ceará". (p. 58) Em 1956, Orlando passa à direção do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno. Esse evento torna-se, pois, um marco no contexto da criação de um curso de educação superior em música, pois a partir de então inicia-se uma série de mudanças na estrutura curricular da instituição. Uma das medidas adotadas foi tornar a atividade coral matéria obrigatória. Outra iniciativa importante foi converter o Conservatório em escola de 1º e 2º graus em música. Essa ação voltava-se à preparação de candidatos para um futuro curso superior de música. A luta encampada por Orlando Leite envolvia um profundo trabalho de preparação não apenas com alunos, como também com professores que deveriam aperfeiçoar seus currículos para compor um corpo docente, desse possível curso. (SCHRADER, 2002)

Paralelamente ao movimento artístico musical que vivia a cidade de Fortaleza na década de 1950, foi instituída a Universidade do Ceará (atual UFC) em 16 de dezembro de 1954, por meio da lei 2.373. A criação da universidade trouxe inquietações para o cenário educacional da cidade, pois algumas instituições de ensino médio e superior, sustentadas pelo Estado ou por entidades privadas, ficaram na iminência de um processo de federalização por parte da Universidade do Ceará. Nessa perspectiva, o primeiro Reitor dessa instituição, Professor Antônio Martins Filho interpretou as expressões *incorporação* e *agregação* contida nos regimentos universitários como tendo distintos significados: as unidades *incorporadas* seriam as que compunham a universidade; as *agregadas,* no entanto, possuíam vinculo com a universidade mas não constituíam patrimônio desta. (*ibid.*)

Do encontro desses dois grandes ícones: Martins Filho e Orlando Leite, nasce a parceria que supunha a efetivação de uma escola de formação em nível superior de música. Além disso,

[2] É de grande importância para esse estudo notar o momento em que Orlando Leite é introduzido nesse cenário, posto que seu papel na constituição do campo musical em Fortaleza é de fundamental importância.

> Através das diversas apresentações do Coral e do Madrigal do CMAN, Orlando Leite chama a atenção para as atividades do Conservatório e passa a ter apoio da universidade para execução dos novos projetos: reconhecimento pelo Conselho Federal de Educação dos cursos fundamentais de instrumento do Conservatório, criação do curso médio de canto coral e do curso superior de música. (SCHRADER, 2002, p. 63)

É importante nesse estudo atentar para cada fato e sua interpretação, no esforço de construir significados sobre as ações dos agentes que se movimentam no rumo da construção de um campo acadêmico musical em Fortaleza. O sentido do jogo vai se caracterizando pelos interesses e ações dos jogadores, na medida em que os agentes vão se posicionando socialmente.

Ora, o Conservatório não pertencia patrimonialmente à universidade, operava simplesmente como instituição agregada a esta e não como *unidade* universitária. Essa agregação funcionava, portanto, como cooperação cultural, não havendo comprometimento por parte da universidade além desse. Até então, o Conservatório funcionava na Avenida Visconde de Cauipe, junto com o Curso de Arte Dramática e o de Artes Plásticas. Somente em 1965, veio a transferir-se para a Avenida da Universidade, 2210, prédio pertencente à Universidade Federal do Ceará. (SCHRADER, 2002)

Essa mudança espacial ocorreu devido ao sistematizado trabalho de canto coral empreendido por Orlando Leite, aliado ao empenho de Martins Filho em consolidar a Universidade do Ceará junto ao governo do Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco. Esse fato acabou por oficializar a incorporação do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno à universidade, passando este a manter-se oficialmente com recursos federais. (*ibid.*)

Desta forma, foi incorporado o Conservatório à Universidade, conforme noticiado no Jornal *O Povo* do dia 22 de junho de 1964, no qual foi publicado o projeto de lei enviado pelo Presidente da República ao Congresso Nacional.

Preparava-se assim, cada vez mais, o caminho para a concretização do sonho de Orlando Leite, a criação de um curso superior de música no Ceará. Para uma melhor demonstração desse momento histórico apresentamos um recorte da fala do professor Orlando Leite retirado do texto de Schrader:

> O Brasil, mui tardiamente, começou a preocupar-se com a formação dos seus músicos. Naquela metade do século XX, havia, em todo o território nacional, apenas 5 cursos de segundo grau, um no Nordeste, em João Pessoa, e 4 no sul. Havia apenas 4 cursos de terceiro grau, nenhum no Norte e Nordeste. Fortaleza já era uma cidade universitária e levei ao então reitor, o magnífico Senhor Antonio Martins Filho, um projeto que visava a

> criação de um Curso Superior de Música na Universidade Federal do Ceará. Esclareci que, se um jovem talento quisesse cursar um terceiro grau de música, teria que ir para o Rio de Janeiro. Encontrei todo o apoio por parte do Dr. Martins, graças a sua superior visão de educador, e ao seu interesse pela cultura cearense. (*apud* SCHRADER, 2002, p. 89)

É importante notar como, pouco a pouco, cada peça vai tomando o seu lugar de encaixe nesse grande quebra cabeça, no qual as interrogações teimam em aparecer, suscitando a grande questão: foi de fato instituído um curso de graduação em música nesse período na Universidade Federal do Ceará? O diálogo entre as estruturas governamentais e acadêmicas pareciam indicar isso, no entanto, o que aconteceu durante o processo, demonstra a necessidade de duvidar das verdades aparentes. (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999)

Schrader (2002) discorre com detalhes acerca do processo de reconhecimento pelo Conselho Federal de Educação, dos cursos tradicionais de Instrumento e Canto do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno. Para esse estudo, no entanto, importa perceber apenas alguns aspectos desse procedimento e de seus resultados. Logo, é importante ressaltar desse contexto, que o Conservatório já possuía uma estrutura administrativa que adotava o modelo de academias da época e que esse fato facilitou o processo de reconhecimento oficial.

Em 1967, o sonho vem a realizar-se, por meio do decreto 60.103 de 20 de janeiro, publicado no *Diário Oficial da União* em 24 de janeiro de 1967, por meio do qual foi concedido "o *reconhecimento* dos Cursos Superiores de Instrumento (Piano, Violão) e Canto e a *autorização* para o funcionamento do curso de Professor de Educação Musical.

Se por um lado o tão aspirado sonho veio a realizar-se, por outro manifestou conflitos e densas disputas que levariam a desequilibrar a perspectiva de uma educação musical voltada para a comunidade. Para uma melhor compreensão desse momento faz-se necessário, mais uma vez, tomar a fala de Orlando Leite na íntegra, citada por Schrader:

> Eu me lembro que quando nós estávamos no processo de pedir o reconhecimento dos cursos superiores, nós pedimos a **autorização** [grifo do autor] para o funcionamento do curso de educação artística, aliás, educação musical. Naquele tempo era educação musical. E algumas professoras disseram assim: "Mas espera! Você quer aqui no conservatório um curso de licenciatura em educação musical! Aqui é uma escola de pianistas!" E eu me lembro que eu disse para as professoras: olha, vocês formam piano, mas vocês não têm público! Os pianistas que vocês entregam diploma dão somente um concerto final. Pode dar um segundo concerto com a família, mas não tem público porque não tem educação musical para o povo! Educação musical é desenvolver a percepção, quer dizer, se você não entende a música mais elevada, você não vai prestigiar. O que você vai fazer no teatro se você não

> vai entender? E se nós tivéssemos educação musical nas escolas, seria a coisa mais natural. Não tem sentido você formar pianistas pra ficar numa torre de marfim e não ter ninguém que possa dar valor pra eles. Porque eles estão falando uma linguagem que a maioria não entende. (SCHRADER, 2002, p. 93)

Fica claro nessa fala de Orlando Leite, sua visão de educador musical. Demonstra uma concepção de formação musical que se amplia para além da técnica instrumental, visualizando a totalidade, não na perspectiva única do produto final, mas do ponto de vista de uma constituição que vai além de subsidiar o músico em sua performance, forma também a platéia para apreciar o ato artístico. Não obstante a essa percepção, é importante notar que,

> as estruturas de pensamento do filósofo, do escritor, do artista ou do erudito, bem como os limites do que se lhes impõe como pensável ou impensável, são sempre dependentes, em certa medida, das estruturas de seu campo, portanto da história das posições constitutivas desse campo e das disposições nele favorecidas. (BOURDIEU, 2001, p. 120)

A ideologia manifestada por Orlando Leite encontrou resistência nas disputas de interesses de outros agentes que ocupavam, nessa ocasião, posições de destaque dentro do campo. Isso nos faz acreditar que, em um determinado contexto (a situação em questão), o que induz um pensamento a ser levado a efeito não é a manifestação de uma racionalização coerente, mas o que está em jogo nas relações de poder que se estabelecem no campo e a posição que cada agente ocupa. A cumplicidade ou a ausência desta entre os agentes irá determinar o que merece ser ou não levado em consideração. Nesse caso, a história do campo se funde com a história da luta entre os atores, considerando, a existência de um conflito de interesses. Além do que se manifesta através do gosto um tipo sutil de dominação (violência simbólica), em que se ocultam as relações de poder que conduzem os agentes e a sociedade. (ORTIZ, 1994)

Em 1968 ocorre um fato que afetará diretamente a trajetória do campo musical em Fortaleza. O reitor Martins Filho é afastado da direção da instituição, ficando em seu lugar o professor Fernando Leite. Com isso "todas as ações administrativas não mais passariam a prestigiar as atividades musicais na Universidade, havendo uma descontinuidade no trabalho da gestão anterior". (SCHRADER, 2002, p. 93)

De fato, as dificuldades começaram a crescer com a falta de apoio e,

> Mesmo com os esforços de Orlando Leite em prestigiar a nova gestão administrativa e mostrar o potencial dos grupos musicais existentes na universidade, no pensamento

> daqueles que estavam na direção da entidade não havia espaço para o incremento da produção artística. (p. 94)

Tal realidade pautou as tomadas de decisão que se seguiram, dando vazão a deliberações explícitas que evidenciavam o caráter opositor da nova administração acadêmica, às atividades musicais na Universidade. As divergências internas e as disputas de poder acabaram provocando a destituição de Orlando Leite do cargo de diretor do Conservatório e do Curso Superior de Música. Mais tarde o Curso de Canto Coral encerraria também suas atividades.

Cabe agora, antes de dar prosseguimento a esse percurso recuperarmos algumas lacunas que se apresentaram nesse relato a partir de um breve *flashback*, apresentado na narrativa de Schrader:

> Durante o mandato de Martins Filho, o Conservatório era apenas uma instituição agregada à Universidade e não uma unidade acadêmica. Em 1964, o projeto de lei apresentado pelo Presidente Castelo Branco, na verdade, não incorporou o Conservatório de Música à Universidade Federal, mas o transformou em um Instituto Complementar. O Conservatório permaneceria na condição de instituto até que fosse ouvido o Conselho Federal de Educação, e constituídos os seus órgãos próprios de deliberação coletiva e o seu corpo docente. Somente assim se constituiria definitivamente em unidade universitária autônoma como as faculdades e escolas que integravam à universidade. Até o fim do mandato de Martins Filho, esse processo ainda não havia sido efetivado. (SCHRADER, 2002, p. 100–101)

O que ocorreu, no entanto, foi que a nova gestão administrativa acabou por priorizar e destinar as verbas que eram concedidas para o funcionamento da escola e do Curso Superior de Música (mas não existia até aquele momento um documento oficial de criação de uma "Faculdade de Música da Universidade do Ceará") para outros setores acadêmicos. Desta forma, restou ao Conservatório continuar no prédio da universidade e poucas verbas para a conservação do patrimônio. A consolidação do processo de incorporação definitiva não ocorreu, tornando, os anos seguintes de grande dificuldade financeira para a instituição.

Nessa diversidade de possibilidades expressadas em conflitos e em movimentos variados que parecem ir adiante, mas, retroagem uns sobre os outros, desencadeando mudanças contínuas na trama social, se expressam os valores e as disputas próprias do campo que se estrutura.

Chamamos a atenção ao contexto da citação anterior, na tentativa de demonstrar

a importância de historicizar e socializar esse campo. Isso denota desvelar as condições de sua constituição como tal, compreendendo que ele se sustenta em um conjunto de práticas encaminhadas por agentes, que perseguem certos interesses e buscam obter o maior capital simbólico possível e o máximo reconhecimento social. (BOURDIEU, 2001)

Assim, o relato chega à década de 1970, período em que o Curso Superior de Música gradua a primeira turma de professores de educação musical, passando a conferir a titulação de Licenciado em Música. O curso fora criado pelo decreto 60.103 de 20 de janeiro de 1967 e publicado no *Diário da União* quatro dias depois. A princípio fora reconhecido pelo Conselho Federal de Educação em Fortaleza, o curso de instrumento (piano, violino e canto). Foi também autorizado pelo mesmo decreto, o funcionamento do Curso de Professor de Educação Musical. Por essa ocasião, os dois cursos pertenciam ao Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, uma instituição privada, recebendo, no entanto, apoio financeiro do Governo Federal, por meio da Universidade do Ceará. (SCHRADER, 2002)

Esse apoio, contudo, se extingue no início dos anos 1970, ocasionado pelo rompimento da Universidade com o Conservatório, por questões de ordem político-administrativa. Ora, se o conservatório já enfrentava, desde o início de suas atividades, dificuldades de ordem financeira, a ponto de não permitir o funcionamento das habilitações em violino e canto, passou então a enfrentar uma forte crise para permanecer mantendo os outros dois cursos superiores (piano e licenciatura em música) sem subsídio do governo. Com o agravamento da crise, a estrutura curricular dos dois cursos passa a sofrer ajustes, através do remanejamento de professores e do fechamento de disciplinas. Isso levou a uma redução no número de alunos graduados, bem como dificultou a formação de novas turmas.

Mesmo após o *apartheid*[3] Universidade-Conservatório, a sociedade não desvinculou as duas instituições, talvez por falta de conhecimento e entendimento do fato. Schrader (2002) menciona esse fato, nomeando-o de "equívoco institucional", o qual ainda apresenta reflexos dessa visão acerca da relação administrativa entre o Conservatório e a Universidade do Ceará até os dias de hoje.

No ano de 1973, a Fundação Educacional do Estado do Ceará – FUNEDUCE passou a custear os cursos superiores do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno. Com a criação da Universidade Estadual do Ceará pelo Decreto Governamental 11.233 de 10 de outubro de 1975, e, sendo esta mantida pela FUNEDUCE, foram encampados os

[3] Utilizo a palavra apartheid com o sentido de "separação", "vidas separadas".

cursos superiores isolados em funcionamento no Estado do Ceará, incluindo os cursos do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno. Surgiu, então, o Departamento de Artes da Universidade Estadual do Ceará com o Curso Superior de Música. O Conservatório permaneceu, assim, uma instituição privada com os cursos fundamentais de música. Todavia, o Curso Superior de Música, reconhecido como curso da UECE em 1980, continuou utilizando-se das instalações do conservatório até 1995, ano em que é transferido para as novas acomodações no Campus Universitário do Itaperi. (*ibid*.) É importante lembrar que esse prédio fora cedido em 1965 pela Universidade Federal do Ceará para uso do Conservatório.

Essa mesma Universidade, esse mesmo curso, as mesmas instalações receberam alguns dos sujeitos dessa pesquisa, durante o período de graduação e, posteriormente o espaço do conservatório tornou-se também ambiente de suas práticas como professores. Logo, é importante perceber a visão que estes tinham de todo esse contexto, por eles vivenciado na época.

O contexto UFC/Conservatório/UECE na visão dos sujeitos da pesquisa

A professora Izaíra Silvino teve sua trajetória de vida muito interligada aos contextos do Conservatório, da UECE e principalmente da UFC. Ela fez a graduação em Direito na UFC e em Música no Departamento de Artes da UECE, durante o período em que o curso se encontrava no espaço do Conservatório Alberto Nepomuceno.

Essa professora, apesar de ser muito jovem na época dos acontecimentos aos quais se refere, e não se considerar, como ela mesma expressa, "um ser político", no sentido de não envolver-se ainda nessas questões, revela que houve "uma mistura de invejas", "de perseguições", "de querer tomar o lugar do outro", "puxar o tapete", e que o momento político foi aproveitado para isso.

Desta forma, o relato confere ao campo a qualidade de "campo de forças", campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças. Logo, as relações que nele se estabelecem são relações de força, relações de dominação, nas quais os antagonismos prevalecem em grande medida. (BOURDIEU, 2004)

Outro recorte da fala da mesma professora revela ainda que,

> O Orlando Leite foi o criador do espaço musical da UFC. Ele já trabalhava no conservatório, que era uma escola particular. Sem experiência clara sobre o que é público e o que é privado, ele juntou as duas instituições como se fossem uma só. [...] Saindo o

> Orlando, com o novo momento político, o do Golpe, acabou a verba para funcionamento do Curso, acabou-se o vínculo com a Universidade e instalou-se aquele processo de definhamento. Nós, estudantes, passamos a pagar o Curso [...]. Daí, os professores foram desaparecendo.

A narradora foi participante dessas vivências, podendo relatar o que presenciou, acrescentando suas próprias impressões atreladas a outras experiências. "Os agentes bem ajustados ao jogo são possuídos por ele e tanto mais, quanto melhor o compreendem". (BOURDIEU, 1996, p. 142)

Outro professor, Marco Túlio, apresenta sua visão sobre a convivência Conservatório/UECE em um mesmo espaço, e as relações que nele se desenrolam:

> Então ficou aquela coisa caseira, o conservatório funcionando ali, os cursos superiores reconhecidos. [...] E logo depois a gente começou a trabalhar com o curso de extensão em música no mesmo prédio do Conservatório, da Universidade Federal do Ceará. Tudo isso aconteceu, porque na época as professoras antigas tinham uma ligação muito grande com o poder político do estado... Então, ali ninguém mexia.

Observamos, na visão dos dois professores, certo desconforto proveniente de uma insatisfação com a situação política instaurada. Havia óbvias disputas de poder, no entanto, muitas perguntas ainda permanecem sem resposta, diante do que foi praticado e do que foi silenciado. Permanece a pergunta: porque o curso superior de música do Conservatório, criado e apoiado desde o início pela UFC, com instalações escriturariamente pertencendo a essa instituição, foi tão rapidamente encampado por outra instituição? Embora exista uma resposta, esse questionamento demonstra uma situação permeada de ambiguidades e arbitrariedades, consonante a um poder que se define nas relações entre os que o exercem e os que lhe estão sujeitos. Esse poder simbólico é uma forma maquiada de outras formas de poder, e, ainda que seja legitimado sem uso de força, pode transformar a visão de mundo e assim a ação sobre o mundo. Ele está na própria estrutura do campo em que se produz e reproduz a crença. (BOURDIEU, 2007)

Da extensão ao ensino: o caminho inverso

O curso de extensão em música da UFC foi criado antes mesmo do curso superior de música, evidenciando o processo inverso, ou seja, dir-se-ia que o curso de extensão em música seria extensão de que? Logo, o efeito de complementaridade não foi

contemplado no âmbito da instituição desse curso na UFC. Aquele se tornou, então, o campo de batalha de alguns para se alcançar este. A fala dos agentes, no entanto, apresenta aspectos dessa discussão ainda não observados, como se apresenta na fala do professor Erwin Schrader:

> o curso de extensão em música foi **um laboratório fantástico**, ter criado o curso de extensão em música antes do curso de graduação foi muito bom, por que a gente pode amadurecer uma série de questões, a questão do solfejo foi uma delas, a necessidade de uma opção de metodologia de solfejo, fazer essa opção de maneira consciente.

A visão dos agentes apresenta opiniões diversificadas ou com diferentes focos, sobre o fato de a extensão ter vindo antes do curso superior. Para alguns, isso pode ser percebido como um diferencial na oportunidade de vivências proporcionadas antes da efetivação do curso superior. Desta forma, a prática antecedeu a teoria, ou seja, o curso foi de fato um excelente laboratório, no qual eles passaram a conhecer as necessidades reais dos alunos e amadurecer questões e atitudes a serem consideradas na graduação. Foi positivo também no aspecto de instigar novas buscas de conhecimento no âmbito da estrutura universitária. Fazer o caminho inverso, talvez não tenha sido "o problema", posto que, haja sido tirado um grande proveito da situação em prol da criação do curso superior de licenciatura em música. A questão provavelmente tenha sido o prolongamento de etapas que poderiam, ou não, terem sido abreviadas, retardando, dessa forma, um processo que não necessitaria ter demorado tanto a se concretizar.

Algumas considerações: os mecanismos de legitimação dos agentes

Dentro do campo social desenvolvem-se espaços relacionais formados pelas instituições e pelos agentes, os quais possuem posições relativas na estrutura social. O que é válido para todos os agentes nos termos das regras do jogo do campo é sua própria sobrevivência, ou seja, a manutenção dos meios de preservação deste.

Há, no entanto, uma luta antagônica que resulta de relações de poder internas ao campo. Nestas formas de confronto que subsistem em seu interior, as estratégias se voltam para o interesse em conservar ou reproduzir as formas de capital. Nesse espaço a atuação e representação dos agentes são direcionadas por estruturas objetivas socialmente estabelecidas.

É importante perceber que cada campo possui características próprias, com

dinâmicas, regras e capitais específicos. Deste modo, as lutas que são geradas continuamente nesse espaço não se reduzem às disputas materiais, mas são resultado dos sentidos suscitados e legitimados socialmente.

No que concerne ao campo educacional, ele é regido por uma lógica que estabelece mecanismos para o reconhecimento dos agentes em determinadas posições. O capital simbólico atribui poder ou legitimidade ao agente a partir do seu reconhecimento em certo campo. Esse poder simbólico "é um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento". (BOURDIEU, 2004, p.166)

A produção de tal reconhecimento por parte dos sujeitos dessa pesquisa deu-se ao longo de suas trajetórias, nas diversas formas de mecanismos socialmente estabelecidos para legitimá-los como docentes do ensino superior de educação musical. Para chegarem a ocupar essa posição eles passaram por um processo de acúmulo de capital cultural, direcionado por um *habitus* que regeu suas escolhas e tomadas de posição durante seus percursos formativos. Assim, eles se graduaram em música, a maioria cursou o mestrado, alguns já possuem doutorado, outros ainda transpõem os degraus da pós-graduação.

O curso de Licenciatura em Educação Musical da UFC ainda é uma criança dando seus primeiros passos. A plataforma da Faculdade de Educação da UFC-FACED, que o mantinha ainda não caiu de todo para dar lugar ao Instituto de Cultura e Arte – ICA (atual mantenedor). Vive-se a fase de transição de uma para a outra. Nesse contexto, alguns professores do curso de música ainda estão vinculados à FACED e outros já estão com sua situação resolvida com o ICA. Desta forma os agentes adquirem legitimidade, e o campo pedagógico musical solidifica suas bases estruturais.

Referências

BOURDIEU, Pierre. O mercado dos bens simbólicos. In: *A economia das trocas simbólicas*, p. 99-181. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *Questões de sociologia.* Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *Razões práticas: por uma teoria da ação.* Trad. Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

_____. Os Fundamentos históricos da razão. In: *Meditações Pascalinas.* Trad. Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia do campo científico.* Trad. Denice Bárbara Catani. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. *O Poder simbólico.* Trad. Fernando Tomáz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean Claude; PASSERON, Jean Claude. *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas.* Petrópolis: Vozes, 1999.

BOZON, Michel. Práticas musicais e classes sociais: estrutura de um campo local. *Em Pauta*, v. 1, n. 1, dez. 1989, p. 148-174.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais.* São Paulo: Cortez, 1995.

DEL BEN, Luciana. A delimitação da educação musical como área de conhecimento: contribuições de uma investigação junto a três professoras de ensino fundamental. *Em Pauta*, v. 12, n. 18/19, abr./nov. 2001, p. 65-93.

_____. A pesquisa em educação musical no Brasil: breve trajetória e desafios futuros. *Per Musi*, v. 7, 2003, p. 76-82.

MATOS, Elvis de Azevedo. *Um inventário luminoso ou um alumiário inventado: uma trajetória luminosa de musical formação.* Fortaleza, 2007. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Ceará.

ORTIZ, Renato (ed.). *Pierre Bourdieu: Sociologia.* 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

PILATTI, Luiz Alberto. Pierre Bourdieu: apontamentos para uma reflexão metodológica da história do esporte moderno. *Revista Digital*, v. 11, n. 97, jun. 2006. Disponível na internet: http://www.efdeportes.com/efd97/bourdieu. Acesso em: 02/12/2007.

SCHRADER, Erwin. *O canto coral na cidade de Fortaleza/Ceará: 50 anos (1950-1999) na perspectiva dos regentes.* Fortaleza, 2002. Dissertação (Mestrado Interinstitucional em Música) Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual do Ceará.

SILVA, Erotilde Honório; ANDRADE, Roberta Manuela Barros. A sociabilidade em ondas sonoras: as audiências e o rádio dos anos 50 e 60 em Fortaleza. *Revista de Humanidades,* v. 23, 2008, p. 7-16.

SOUZA, Jusamara. Repensando a pesquisa em educação musical. In: *Anais do IX Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música*, p. 80-96. Rio de Janeiro: ANPPOM, 1996.

_____. Educação musical: um campo dividido, multiplicado, modificado. In: *Anais do XIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música*, p. 16-18. Belo Horizonte: ANPPOM, 2001a.

_____. Múltiplos espaços e novas demandas profissionais: reconfigurando o campo da educação musical. In: *Anais do X Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música*, p. 85-92. Uberlândia: ABEM, 2001b.

Universidade Federal do Ceará. *Projeto Pedagógico de Curso: graduação em Pedagogia, Educação Musical e Educação Física da Faculdade de Educação.* Fortaleza: UFC - Pró-Reitoria de Graduação, 2007.

Maria Goretti Herculano Silva é graduada em pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará com mestrado em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente pesquisa sobre a *interface* Educação e Música, com ênfase no campo e no *habitus* pedagógico musical.

Marco Antonio Silva é graduado em Licenciatura em música pela Universidade Estadual do Ceará - UECE com Mestrado em práticas interpretativas na subárea violino pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Atualmente é professor do Curso de Educação Musical da UFC-Cariri - Universidade Federal do Ceará, da área de cordas

Luiz Botelho Albuquerque é doutor (Ph.D) em sociologia da Educação pela Universidade de Iowa (EUA); Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Bacharel em música pela Universidade de Brasília. Atualmente, orienta alunos na Linha de Pesquisa Educação, Currículo e Ensino na FACED/UFC. Estuda as relações entre ambiente, cultura e educação